



Quando Harry Encontra Harry – uma análise sobre a construção do personagem Harry Potter na literatura e no cinema¹²

Marília Montandon Carvalho³
Universidade Anhembi Morumbi

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar os aspectos psicológicos do personagem Harry Potter tanto na literatura quanto no cinema, levando em consideração como as diferenças de linguagens entre as duas mídias interferem na construção de uma história, e como isso afeta a elaboração de um personagem. Além disso, são observadas como as alterações feitas no roteiro em relação à obra original mudam a maneira como observamos o desenvolvimento do aspecto psicológico de Harry e como isso influencia o modo como ele responde como herói.

Palavras-chave: Harry Potter; Adaptação; Personagem; Roteiro; Literatura

Introdução

Por que um livro, ao ser adaptado para o cinema, pode ao mesmo tempo gerar tanto sucesso e tantas críticas? A série *Harry Potter* é uma das obras literárias mais bem sucedidas da última década, com mais de 400 milhões de livros vendidos em todo o planeta⁴. Da mesma forma, os oito filmes baseados nos sete livros escritos por J.K. Rowling tornaram *Harry Potter* a franquia mais lucrativa do cinema, com mais de sete bilhões de dólares arrecadados nas bilheteiras⁵. No entanto, as adaptações fílmicas, apesar de serem bem aceitas, não deixaram de receber críticas tanto de pessoas que tinham lido os livros, quanto daquelas que apenas assistiram aos filmes.

Parte do motivo é a mudança na forma como a história é apresentada, especialmente a caracterização dos personagens em uma e outra mídia. Tanto a literatura quanto o cinema possuem linguagens diferentes para se contar uma história, mas, como cita Marcel AMORIM, “... o cinema e literatura bebem, primeiramente, do gênero narrativo e por meio dele se constituem, não unicamente, mas principalmente.” (2010, p. 1732). Ou seja, apesar das diferenças de linguagens entre uma mídia e outra, quando se trata de uma ficção, a proposta em ambos é a mesma; o que muda são as

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013

² Este artigo é fruto de pesquisa realizada com bolsa do Programa de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi, edição 2012/2013, orientada pelo prof. Ms. Daniel Gambaro.

³ Aluna do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Anhembi Morumbi. Endereço de e-mail: mariliamc@outlook.com

⁴ Para saber mais, acesse o site The Leaky Cauldron, um dos mais importantes sites de fãs, e que por diversas vezes contou com colaboração da autora, tendo sido recomendado em seu site oficial. Disponível em: <http://www.the-leaky-cauldron.org/2008/6/17/harry-potter-book-sales-top-400-million-mark>. Acessado em 23 de outubro de 2012.

⁵ Os dados de audiência dos filmes estão disponíveis no site <http://boxofficemojo.com/franchises/chart/?id=harrypotter.htm>. Acessado em 23 de outubro de 2012.



ferramentas que o cinema e a literatura utilizam para concretizar o ato de contar uma história. Quanto às histórias que são adaptadas de um meio para o outro, segundo Syd FIELD, “a *adaptação* é definida como a habilidade de ‘fazer corresponder ou adequar por mudança ou ajuste’, modificando alguma coisa para criar uma mudança de estrutura, função e forma, que produz uma melhor adequação” (2001, p. 174). Field acrescenta que adaptar um romance, uma peça ou um conto para o cinema é a mesma coisa que escrever um roteiro original. Ana Maria BALOGH diz que um roteiro adaptado deve preservar sua autonomia como filme, e “... deve se sustentar como obra fílmica, antes mesmo de ser objeto de análise como adaptação.” (2005, p. 53). Ou seja, um roteiro oriundo de outra mídia deve ser visto como um filme original, e sua história deve ser compreendida sem que seja necessário recorrer à fonte da qual ela foi adaptada.

A história de Harry Potter começa quando ele é um bebê e perde os seus pais, sendo entregue para ser criado pelos tios trouxas⁶. Anos mais tarde, o garoto descobre que é um bruxo e vai para Hogwarts, uma escola em que jovens bruxos aprendem magia. Embora Rowling tenha criado um mundo em que a presença da magia é constante, o modo como as pessoas que povoam este universo vivem e se relacionam é muito semelhante à dos trouxas. As bases que estruturam este universo mágico e o modo como ele se organiza é semelhante ao mundo trouxa, em que lugares como Hogwarts, o Hospital St. Mungus e o Ministério da Magia funcionam de modo semelhante às escolas e organizações governamentais não-mágicas. As famílias, os conflitos, os medos e desejos dos personagens que povoam a história de *Harry Potter* são semelhantes aos de qualquer pessoa normal, e à medida que Harry se adapta à nova realidade e se torna parte da comunidade bruxa, a magia deixa de ser algo espetacular e se transforma em um aspecto do cotidiano do garoto, se inserindo de forma orgânica à trama, levando o leitor a querer participar da história, fugindo da sua realidade e querendo viver as mesmas experiências de Harry.

O personagem foi construído com uma humanidade e imperfeição que fazem com que Harry e toda a sua história se tornem verossímeis: segundo SEGER, é a partir desses detalhes acrescentados ao perfil de um personagem que o público consegue se conectar ao protagonista e simpatizar por ele e por sua causa (2006, p. 45). A busca por uma família que substitua a que Harry não teve e o grande valor que o garoto dá aos amigos é fruto de um desejo intrínseco a qualquer ser humano: pertencer a um grupo,

⁶ Na cultura dos bruxos criados por J.K. Rowling, trouxas são as pessoas comuns, que não possuem poderes mágicos.



uma comunidade e ser aceito. Além disso, Harry representa um arquétipo de herói completo, como o definido por VOGLER (2006, p. 52), e o seu grande desafio se trata do confronto com o bruxo das trevas Lord Voldemort. Harry não é forte ou possui uma habilidade sobrenatural; o que representa a sua força e poder como herói são elementos que constituem a sua personalidade, como os seus valores e o seu caráter.

De um modo geral, o personagem fílmico, apesar de percorrer a mesma trajetória que o personagem literário, mostra-se incompleto em diversos momentos da história porque a velocidade da narrativa cinematográfica, muitas vezes, impediu o aprofundamento nas características psicológicas que interferem no modo como o personagem atua como herói, em função da valorização da ação: decisões tomadas pelo protagonista pareceram precipitadas ou são atribuídas a outras pessoas; seus traços e características centrais se tornam superficiais e mudam de um filme para outro; os valores e a força de Harry parecem menos importantes. Dessa forma, entende-se que os principais motivos que levaram à identificação do público com o personagem literário se perderam na adaptação. Isso não desmerece a criação fílmica, que manteve a estrutura de ações relativamente igual, mas é possível afirmar que o personagem nos filmes acaba sendo outro, em comparação com o personagem literário.

Foram escolhidos quatro livros para centrar a análise e mostrar quais traços do personagem Harry Potter são diferentes entre as duas mídias, mudando a percepção dele como pessoa – protagonista e herói. O primeiro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, por iniciar a narrativa; e *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix* e *Harry Potter e As Relíquias da Morte*, porque são títulos em que o vilão Voldemort está fortalecido e têm encontros diretos com o herói.

O arquétipo de herói

Ao estabelecer os padrões que resultaram na criação da Jornada do Herói, Joseph Campbell percebeu que esta trajetória corresponde a diferentes fases da vida, sobretudo à descoberta e amadurecimento da identidade e da consciência (*apud* NATOV, 2002, p. 126) de um indivíduo. O herói vive situações comuns à maioria das pessoas, o que permite ao leitor ou espectador se identificar com o personagem, e conseqüentemente com a história, pois vivenciamos a trama pelos olhos do protagonista. A jornada pela qual o herói atravessa é, no fundo, a busca pelo autoconhecimento, a descoberta e afirmação de sua identidade. O herói precisa ter qualidades que levem o público a torcer por ele, admirá-lo e respeitá-lo. Por outro lado, as imperfeições e dificuldades são



essenciais para a construção de um personagem, pois um protagonista perfeito afasta o leitor/espectador, que não se identifica e nem se interessa em acompanhar a trajetória de uma pessoa perfeita e previsível, portanto, que não oferece surpresas. Harry Potter é um garoto comum, que faz amizades, se interessa por esportes, e acima de tudo, deseja pertencer a um grupo e ser amado. Ele se encaixa perfeitamente na concepção de herói, pois ele é um garoto de índole boa, corajoso e decente, disposto a servir e a fazer sacrifícios. Contudo, de acordo com a própria autora, J. K. Rowling, os maiores defeitos de Harry são a raiva e arrogância⁷. Muitas vezes, ele é nervoso e impaciente, e de um modo bem discreto, é egocêntrico.

Ao longo da história, Harry tem diversas oportunidades e justificativas para escolher o caminho errado, mas suas escolhas o definem como pessoa. Segundo Paula FARIA:

Uma pessoa não é definida pelo que ela é, mas pelo que ela faz. A lógica interna dos livros de Harry Potter refletem essa ideia [...] A identidade é formada por escolhas e determinações, não pelo destino. A realidade da escolha é o que traz à tona o aspecto dualístico que deveria compor a vida humana. Isso propicia ao leitor um grau mais elevado de identificação com alguns personagens⁸. (2008, p. 66)

Criado com desprezo pelos tios, Harry só soube o que é receber carinho quando começou a frequentar Hogwarts, onde ele fez amigos e encontrou um lugar a que ele poderia se referir como 'seu lar'. Apesar da falta de afeto, Harry Potter é um garoto amável, que parece sentir por sua família trouxe mais pena e indiferença do que ressentimento. A fama recém-descoberta pelo garoto faz com que todos queiram ser amigos de Harry Potter, como o garoto rico Draco Malfoy, e o galã celebridade Gilderoy Lockhart – professor de Harry no segundo título da série. Um mundo de vantagens e mais fama bateram à porta de Harry, mas ele optou por se manter distante destas pessoas, já que a consideração que sentiam por Harry se limitava ao 'famoso Harry Potter'. Harry carrega dentro de si um pedaço da alma de Voldemort, o que lhe concede algumas características dignas de um estudante da Sonserina⁹, antiga casa do bruxo. No entanto, após seu melhor amigo Rony comentar que todo bruxo mau

⁷ Conforme registrado no site Potterish <http://conteudo.potterish.com/chat-online-bloomsbury-com-jk-rowling/>

⁸ Tradução livre de: “A person is not defined by what he is, but by what he does. The Harry Potter books’ internal logic reflects this idea. [...] Identity is formed by choice and purpose and not by destiny. The reality of choice is what brings about the dualistic aspect that should compose human life. That may propitiate the readership with a higher level of identification with some characters”.

⁹ Em Hogwarts, escola de Magia que ensina crianças e adolescentes com início nos 11 anos de idade, os estudantes são divididos em quatro grupos, normalmente conforme suas características: Lufa-lufa, amigos fiéis; Corvinal, os de inteligência mais aguçada; Grifinória, os mais valentes e Sonserina os mais astutos.



pertencia à Sonserina, Harry implora ao Chapéu Seletor – um instrumento mágico que determina o destino dos estudantes – que o coloque em qualquer casa, menos lá.

Estes são apenas alguns exemplos de situações em que Harry precisa escolher um caminho que trará consequências e moldarão o seu caráter, e ele decide que quer ser bom. Conforme SEGER,

“As *attitudes* comunicam opiniões, os pontos de vista e as diferentes posições que cada personagem assume em determinadas situações. Assim, tem o papel de definir as personagens, de conferir-lhes profundidade, ao mostrar o modo como encaram a vida.” (2006, p.48)

Essa opção de escolha é uma das razões que possibilitam uma identificação tão grande com o público, e apesar de possuir uma índole boa, Harry é uma pessoa normal, e essa normalidade abrange não apenas qualidades, mas defeitos também. CAMPBELL diz no livro *O Poder do Mito* que “... a única maneira de você descrever verdadeiramente um ser humano é através de suas imperfeições. O ser humano perfeito é desinteressante. [...] As imperfeições da vida é que são apreciáveis.” (1990, p. 15). O lado sombrio do personagem é balanceado com seu lado bondoso, e é essa dualidade bem delineada que torna Harry Potter tão humano e familiar, e sua história tão atraente.

Desconstruindo Harry

Nas adaptações para o cinema, cada diretor levou em consideração a mensagem principal que o livro a ser adaptado transmite e o modo como o protagonista se comporta nele. Dessa forma, a essência do personagem naquele contexto serve de referência para transpô-lo para as telas, enfatizando ou eliminando determinadas características. No filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a construção do protagonista é muito semelhante à dos livros, e sofreu pouquíssimas alterações. Por ser o filme baseado no primeiro livro da série, todos os atores foram escolhidos a dedo para representar os personagens criados por Rowling no cinema, e isso não foi diferente com o protagonista. De acordo com o produtor David Heyman (*apud* MCCABE, 2011, p.35), os atores para interpretar Harry, Rony e Hermione estavam sendo escolhidos como um trio, e não individualmente, pois a química entre eles era crucial. Depois de uma longa e exaustiva procura, Daniel Radcliffe foi selecionado para o papel principal. O diretor Chris Columbus diz que eles procuravam por um garoto que parecia ter sofrido, e que a performance de Daniel “... tinha magia, a profundidade e o ar sombrio que ninguém mais possuía. Ele tinha um quê de inteligência e sabedoria que era intrigante.” (*apud* MCCABE, 2011, p. 40). Apesar de Harry possuir características



físicas marcantes que foram mudadas nos filmes, como a cor dos olhos e cabelo, ainda vemos um garoto magricela vestindo roupas velhas e gigantes, herdadas de seu primo.

Quanto à caracterização da personalidade de Harry, ele é descrito como um garoto amável, retraído, educado e curioso: características preservadas ao longo do primeiro filme. Apesar de ele ser humano e possuir falhas, desde o primeiro filme o lado bondoso do garoto tende a ser exaltado em determinadas situações, que diluem ou eliminam algumas características negativas do personagem, independente do contexto. Nos livros, Harry foi criado pela família Dursley, e ao longo dos anos de descaso, o desprezo que os tios e o primo sentem por ele se torna recíproco. Harry reage aos maus tratos, dando ocasionais más respostas aos tios e, sempre que pode, desafia a autoridade deles. As malcriações não são falhas de caráter, mas apenas reações naturais ao modo como Harry sempre foi tratado, que qualquer criança no lugar dele faria.

No filme, diferentemente da caracterização dada no livro, Harry se porta de forma submissa e não reage aos maus tratos dos tios e do primo; ele toma uma atitude apenas quando recebe uma carta que o tio Valter o impede de ler. A princípio, esse comportamento pode transmitir a ideia de que Harry é um personagem apático e meio bobo, diferente do que ele demonstra ser mais à frente, como quando conhece Draco Malfoy e educadamente dispensa sua oferta de amizade. Como o passado de maus tratos não é aprofundado, as grosserias dos Dursleys não parecem tão marcantes quanto no livro. Por outro lado, a atitude meio apática do personagem também permite deduzir que ele tem medo dos tios, e por isso não os enfrenta.

Após três anos em Hogwarts, Harry já adquiriu amigos fiéis, se descobre bom em algo – Quadribol, um esporte bruxo – e, de modo geral, ele considera Hogwarts o seu lar. Tudo isso contribui para que, ao longo de três anos, Harry adquira um pouco de confiança em si mesmo. No quarto filme – *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, as transformações são mais físicas do que psicológicas. No entanto, podemos perceber que a confiança que Harry adquiriu ao longo de três anos em Hogwarts se mostra mais evidente no filme do que no livro. Na versão original, Harry ainda se sente um pouco incomodado com a atenção que tem recebido por competir no Torneio Tribruxo¹⁰, mesmo depois de passar pela primeira tarefa e ser ‘perdoado’ por ter conseguido entrar no Torneio sendo menor de idade. Entrevistas para a imprensa publicadas de forma distorcida, provocações dos colegas de toda a escola e a pressão em realizar tarefas

¹⁰ Competição entre três escolas de magia, em que um aluno representa cada uma e enfrenta tarefas que testam suas habilidades mágicas.



mortais, em que apenas estudantes três anos mais velhos têm conhecimento para enfrentar, transformam a vida de Harry em momentos de pura tensão. Para piorar, o garoto não tem o apoio de Rony Weasley, que fica ressentido com o melhor amigo por acreditar que Harry colocou seu nome no Cálice de Fogo sem contar para ele. A briga entre os dois garotos tem um peso muito grande para Harry, e a falta que o amigo e suas piadas fazem é o que torna a fase entre o sorteio dos competidores pelo Cálice de Fogo e a primeira tarefa tão difíceis, quando Rony finalmente acredita em Harry.

Já no filme, podemos observar que Harry se sente mais à vontade em lidar com as consequências de sua participação no Tribuxo. Mesmo estando brigado com Rony, a tensão presente no livro é muito atenuada no audiovisual, transformando a participação de Harry no Tribuxo em um incômodo muito menor do que era no original. A desenvoltura e confiança com que o garoto lida com o Torneio é nítida no momento em que ele transforma a conquista do ovo de ouro, após a primeira tarefa, em um pequeno espetáculo, sendo carregado pelos colegas, levantando o ovo e perguntando aos gritos quem quer que ele abra o abra, como se fosse um animador de um espetáculo.

Mas é em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* que as mudanças na elaboração do protagonista se tornam realmente perceptíveis. Harry se encontra no auge da adolescência, em que as emoções são vividas com muita intensidade e as variações de humor são frequentes. Além disso, o grande vilão Voldemort voltou à vida no ano anterior e ninguém parece dar importância. Por causa desse ardor e inconstância, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* é o livro em que o lado humano de Harry atinge o auge, pois abrange uma variedade de emoções que não é mostrada em nenhum dos outros livros.

No começo do livro, podemos perceber a ansiedade que Harry sente por não saber o que está acontecendo no mundo bruxo, estando preso na casa dos tios. Por meio de cartas, Harry percebe que Rony e Hermione estão juntos, e essa ideia, somada ao isolamento do garoto na casa dos Durleys, não só aumentam a raiva dele como fazem com que Harry se sinta extremamente solitário e excluído. Quando ele finalmente se reúne aos amigos, na sede da Ordem da Fênix¹¹, pode-se perceber aí toda a sua raiva e angústia; Harry grita e acusa as pessoas de uma forma nunca vista até então. Após se familiarizar com o lugar e entender o que é a Ordem e por que estão reunidos, alguns membros como Remo Lupin e o padrinho de Harry, Sirius Black permitem, após muita insistência por parte do garoto, que ele saiba bem superficialmente o que Voldemort

¹¹ A Ordem da Fênix é uma organização de bruxos que lutam contra Voldemort, liderada por Alvo Dumbledore.



está planejando. Ao retornar a Hogwarts, Harry tem de enfrentar as piadas e o desprezo de muitos colegas que não acreditam nele, e o pior, tem de aturar uma ditadura em Hogwarts comandada por Dolores Umbridge, funcionária do Ministério que está na escola exatamente para interferir e punir qualquer tipo de manifestação antiministério ou insinuações de que o Lorde das Trevas retornou. Com o nascimento da Armada de Dumbledore¹², Harry se anima por ter algo a que se dedicar nestes tempos difíceis, mas a descoberta da organização culmina na fuga de Dumbledore, lhe rende uma punição e colabora para baixar mais ainda o astral do garoto, que nesse meio tempo é proibido de jogar Quadribol. Além disso, um sonho em que Harry vê o Sr. Weasley sendo atacado o deixa tão transtornado, por achar que ele está sendo dominado por Voldemort, que o garoto cogita seriamente em fugir, até que Hermione e Gina Weasley o tranquilizam.

Apesar de o filme manter a maioria destas situações, o modo como Harry reage a elas é completamente diferente. De modo geral, as explosões de raiva, o gênio difícil e tudo relacionado ao lado sombrio de Harry foram minimizados. No livro, ele tem ataques de raiva grandiosos por qualquer razão, mas permanece normal quando não está nervoso; essa fúria é diluída e mais bem distribuída no filme, pois os momentos em que ele extravasa seu nervosismo não são tão intensos quanto no livro, como acontece quando ele chega ao Largo Grimmauld: Harry grita tanto com os amigos que os gêmeos Weasley, Fred e Jorge, entram no quarto e comentam com ironia que achavam ter ouvido a ‘voz suave’ dele. Essa brincadeira foi mantida no filme, mas ela perde o sentido, pois Harry se mostra mais compreensivo e não explode de raiva, apesar de estar nervoso. Apesar dos ataques de fúria serem suavizados, o personagem aparece sério com muito mais frequência do que no livro.

Outro elemento importante na caracterização do protagonista e que foi praticamente excluído na versão cinematográfica, é a culpa. Nas duas ocasiões em que ela se apresenta intensamente – consequência do ataque ao Sr. Weasley pela cobra de Voldemort, Nagini, e pela morte de Sirius – é tão enfraquecida que os acontecimentos perdem a força no filme. No livro, após ouvir Olho-Tonto Moody comentando que existia a possibilidade de Voldemort estar possuindo Harry, a culpa que o garoto já estava sentindo se intensificou de tal forma, que ele se isolou de todos os presentes no Largo Grimmauld, e começou a traçar um plano de fuga e abandonar Hogwarts e todos os seus amigos, até mesmo Sirius. O medo de ferir mais alguém, de fazer o mal a uma

¹² Associação de alunos comandada por Harry para estudar “Defesa contra a arte das Trevas”, disciplina que deixou de ser corretamente dada sob a intervenção de Umbridge.



pessoa querida era tão grande que cogitar abandonar sua vida como bruxo e recomeçar em outro lugar era preferível. No filme, as cenas relacionadas ao ataque foram encurtadas ou eliminadas. A culpa que Harry sente foi retratada em uma conversa que ele tem com Sirius, e expõe seu receio de estar se tornando uma má pessoa.

Próximo do final dessa história, a batalha no Ministério da Magia do filme é bem diferente do livro. Na versão literária, as lutas são muito mais violentas, e colegas que acompanham Harry se machucam muito mais – causando pesar em Harry. Durante a batalha, acrescentaram um momento no filme em que Sirius diz a Harry para juntar seus amigos e sair dali, mas o garoto responde que quer ficar e lutar com o padrinho. Essa atitude relembra a impulsividade e valentia exagerada com que o garoto age nos filmes e que não é tão destacada nos livros, e reforça o afeto entre Harry e Sirius. Esse reforço é importante porque, tanto nesse longa como no anterior, a relação do garoto com uma possível família de verdade é enfraquecida pela ausência de Sirius. Além disso, é uma estrutura melodramática clássica para causar mais emoção no que vem a seguir, quando o padrinho é morto pela aliada de Voldemort, Bellatrix Lestrange.

Após a morte de Sirius, na versão original, Harry fica emocionalmente acabado, carregando consigo muita tristeza e culpa por causa do que acontece a Sirius: ele atraiu o padrinho até ali. Na versão literária, o modo que Harry encontra de extravasar esses sentimentos é descontando toda a sua fúria e pesar gritando com Dumbledore, culpando-o e quebrando todo o seu escritório. Em seguida, ele e o diretor têm uma longa conversa sobre o passado e o futuro de Harry, e Dumbledore divide a culpa sobre o que ocorreu entre ele e Sirius. Sem essa “divisão” da culpa, no filme, Harry vive apenas de impulso e não assume por completo a responsabilidade que lhe é real, e essa é mais uma contradição na construção do personagem fílmico. Além disso, a abordagem superficial da morte de Sirius faz com que ela perca a importância que ela realmente tem, pois as emoções de Harry são tratadas com superficialidade, e apenas o vemos chateado. Em entrevista para o livro *A Magia do Cinema*, David Yates admite que houveram alguns erros na adaptação e que ele compreende perfeitamente o motivo de diversos fãs não terem gostado dessa abordagem, pois a morte de Sirius foi muito rápida. Mas o diretor acrescenta que “... se espreme coisas demais no roteiro na adaptação de um livro” (MCCABE, 2011, p. 164).

Em *A Ordem da Fênix*, o 'lado negro' de Harry também vem à tona nas situações mais cotidianas possíveis. Arrogância, por exemplo, era algo que até então nunca havia sido uma característica que pudesse ser atribuída a Harry. O modo como esse aspecto é



abordado no livro é interessantíssimo, e é provavelmente uma das características que mais humanizaram o personagem em toda a série. Desde que entrou em Hogwarts, o famoso Harry Potter sempre foi paparicado e querido por todos. Popular entre os colegas, conhecido em toda a escola, sempre em bons termos com personalidades como o Ministro da Magia. De repente, todos lhe dão as costas, e estes privilégios têm fim.

Essa inferiorização do personagem é representada em duas situações. A primeira é que Rony Weasley é o escolhido para ser o Monitor¹³ da Grifinória, junto de Hermione Granger. Harry sempre foi um pouco mais inteligente do que Rony, mais estimado; por que então Rony, que sempre foi o coadjuvante, o amigo engraçado de Harry Potter, foi o escolhido para tal honra? Harry se ressentiu muito com esta situação, mais ainda por lhe custar a esboçar algum entusiasmo pela primeira grande conquista do amigo. A outra situação acontece no Expresso de Hogwarts. Enquanto Rony e Hermione têm que passar parte da viagem na cabine dos monitores, Harry fica sozinho com Gina Weasley, Neville Longbottom e Luna Lovegood. Quando Cho Chang, interesse amoroso de Harry, passa pela cabine com a intenção de conversar com ele, Harry e os colegas estão cobertos de pus de uma planta que pertencia a Neville e havia acabado de explodir. Harry fica mortificado, pois queria que Cho tivesse lhe encontrado reunido com um grupo de pessoas legais, se matando de rir de uma piada que um deles havia acabado de contar, e não sentado junto de Neville e Luna, sujo de pus e fedendo. As duas situações foram eliminadas do filme, e os produtores e diretor não aproveitaram nenhuma outra cena para esboçar este traço de personalidade que nem mesmo o próprio Harry sabia que tinha.

Existe uma mudança na construção do protagonista no filme que, além de suavizar o lado sombrio de Harry, ressalta um aspecto positivo, que é o modo como ele se comporta diante da Armada de Dumbledore. No livro, Harry aceita com receio a sugestão feita por Hermione de ensinar Defesa contra as Artes das Trevas para alguns colegas. Apenas com o passar do tempo e com a evolução do aprendizado dos alunos que Harry adquire confiança para ensinar e liderar. No filme, Harry se mostra confiante a partir do momento em que os estudantes sondados assinam uma lista, se comprometendo de verdade em assistir as aulas. É interessante observar como Harry se torna um líder nos dois meios. No original, essa liderança é construída aos poucos, e

¹³ Os dois melhores alunos de cada casa são escolhidos, no quinto ano, para serem uma espécie de líderes.



tem destaque apenas na reta final do livro, quando os garotos estão no Ministério da Magia. Já no filme, Harry logo é apresentado como um líder nato.

Nos dois últimos filmes da saga, Harry deixa de ser o estudante para se tornar o herói em tempo integral, em que ele tem de liderar Rony e Hermione na busca pelas horcruxes, e ao mesmo tempo, apaziguar os ânimos dos três. A adaptação de *Harry Potter e as Relíquias da Morte* não traz grandes alterações em relação à construção da personalidade de Harry, pois as mudanças acontecem principalmente na elaboração do herói. Por exemplo, no início da história, Harry é escoltado da Rua dos Alfeneiros para a casa dos Weasley, e assim que Harry e sua escolta¹⁴ deixam a casa dos Dursleys são atacados por Comensais da Morte. Harry usa o feitiço *Expelliarmus*¹⁵ em batalha – algo pouco comum – com a preocupação de não matar ninguém, mas isso denuncia sua posição a Voldemort. Esse traço do herói se perde no filme, porque quem denuncia sua posição é a coruja de estimação Edwiges, ao tentar protegê-lo dos ataques.

Outra mudança significativa no aspecto heroico de Harry se dá quando ele, Rony e Hermione permanecem viajando pelo país sem rumo, em busca das Horcruxes. Os amigos esperam uma liderança mais ativa do rapaz, enquanto Harry, que amadurece muito entre o sexto e o sétimo livros, age com mais racionalidade e prefere não tomar atitudes precipitadas. Ao invés disso, ele investiga as ações de Voldemort por meio da sua ligação com a mente do bruxo. No filme, a transposição dessa falta de ação de Harry tornaria a história arrastada, então as cenas dedicadas a mostrar a falta de atitude do protagonista, em que ‘nada acontece’, foram muito resumidas. Só que, sem os momentos de introspecção, o personagem fica vazio no filme. Além disso, a liderança de Harry é enfraquecida no audiovisual porque é Hermione quem sempre encontra as soluções para os enigmas e toma iniciativa. Harry somente toma atitudes após a morte do elfo doméstico Dobby: ele consegue controlar as visões de Voldemort e tem acessos a informações suficientes para bolar um plano para conseguir as últimas horcruxes. Essa alteração de comportamento perde a força na versão cinematográfica, pois não houve ênfase na falta de liderança dele, e a divisão da história que separa o sétimo e o oitavo filmes ocorre exatamente neste momento. Quando começa *Harry Potter e as Relíquias da Morte parte 2*, Harry já está transformado em um herói com mais atitude, e como os

¹⁴ Para despistar possíveis inimigos, são usados chamarizes; neste caso, seis pessoas tomam uma poção que as transformam em Harry Potter.

¹⁵ Feitiço usado para desarmar o oponente, que ele aprende no segundo livro/filme da série em uma aula que visava ensinar os alunos a se protegerem de possíveis ataques dentro de Hogwarts. Em pouco tempo, Harry domina o feitiço – sendo um dos primeiros em que ele realmente é ‘mestre’ – a ponto de usá-lo em diversas ocasiões.



dois filmes são muito diferentes, essa mudança de postura faz parte da mudança de gênero entre os filmes – de um filme de estrada para um filme épico.

Outro elemento que demonstra mudanças no modo como Harry age é seu relacionamento com Dumbledore. São os eventos do início do sétimo livro que inserem essas dúvidas nas reflexões de Harry – a desconfiança sobre o suposto descaso de Dumbledore com os irmãos, a morte suspeita da sua irmã abortada¹⁶, a amizade com Gerard Grindewald¹⁷ e os planos de dominar os bruxos e os trouxas junto dele: a admiração pela pessoa perfeita fica arranhada, e as ações do rapaz durante o livro dependem muitas vezes do modo como ele passa a ver Dumbledore. No filme, o passado do diretor de Hogwarts é abordado de uma forma extremamente superficial. Portanto, as impressões de Harry diante das descobertas sobre o seu mentor não são impactantes a ponto de denegrir a imagem do diretor. Quando Potter conhece o irmão de Dumbledore, Aberforth, que tenta dissuadir Harry de sua missão, contando o modo como Ariana, a irmã mais nova deles, morreu por causa do descaso de Alvo, Harry afirma que não importa o que aconteceu entre os dois irmãos, que ele confia no homem que ele conheceu.

Essa reação de Harry reforça a tendência que todos os filmes apresentam de exaltar os aspectos positivos do rapaz, independente do contexto. Alvo Dumbledore era a principal figura paterna de Harry, a referência mais importante que lhe servia de exemplo a ser seguido. Seria normal Harry sentir raiva de Dumbledore, pois ele foi apresentado a fatos reais sobre o diretor que destoam completamente da imagem benevolente que Harry tinha dele. A complacência que Harry demonstra diante desta situação, no filme, descaracteriza o personagem, pois é como se esse fosse um problema menor, ou o garoto assumisse a posição de salvador, capaz de perdoar qualquer atrocidade. No livro, Harry se espelha no modelo de Dumbledore e fica com raiva e decepcionado ao reconhecer que seu maior exemplo também era imperfeito. Como isto é excluído do filme, a impressão que o espectador tem é que não era um problema para Harry o fato de seu mentor ter agido de modo perverso, pois ele é o Dumbledore.

Na parte final da história, com apenas uma horcruxe para ser destruída – Nagini –, Harry, Rony e Hermione procuram por Voldemort, já que a cobra provavelmente estará junto dele. Localizado na Casa dos Gritos, Voldemort conversa com Snape e chega à conclusão que precisa matá-lo para obter pleno poder de uma varinha mágica.

¹⁶ Bruxos que nascem sem poderes mágicos são chamados de Abortos

¹⁷ Poderoso bruxo das trevas, anterior a Voldemort. Grindewald foi derrotado por Dumbledore.



Desde *A Pedra Filosofal*, é notável a aversão que Snape e Harry sentem um pelo outro, e até então, nada nunca foi suficiente para aproximá-los nem um pouco. Após o ataque de Nagini a Snape, Harry entra na Casa dos Gritos e Snape diz a ele que recolha suas lágrimas, e pede ao rapaz que olhe para ele, pois seus olhos são iguais aos de Lílian Potter. Harry não tinha que socorrer Snape, mas a crueldade com que ele foi atacado por Nagini reforça em Harry um sentimento positivo de qualquer herói tradicional: a simpatia. Ele se importa com o próximo, e se aproxima do professor no que podemos chamar de um ato de preocupação e bondade. Filme e livro dialogam, mas a exploração disso no filme se dá mais no momento, pois Harry realmente sente pela morte do professor, enquanto no livro, ele parece um pouco inconsciente do que faz por causa do choque em ver Snape sendo descartado com tanta facilidade e crueldade por Voldemort, e o afeto e respeito que ele sente pelo professor dependem das cenas seguintes, na *Penseira*.¹⁸

A última mudança no perfil psicológico do protagonista está na última sequência relevante para a trama: quando Harry enfrenta Voldemort pela última vez. O aspecto de Harry que não aceita o passado de Dumbledore retorna com força durante a batalha, uma vez que Harry dá a Voldemort a chance de se arrepender, mas não o perdoo pelos crimes que cometeu. Pouco antes, o garoto havia se incomodado com a postura do diretor durante o encontro em King's Cross: Dumbledore chora em arrependimento pelo passado. No filme, ambas as sequências são tão rápidas que esses detalhes passam despercebido, e a construção do herói fica centrada apenas na força representada pelo espetáculo visual da morte de Voldemort (que se desintegra em pó brilhante).

Conclusão

A literatura e o cinema têm o mesmo objetivo – contar uma história. Entretanto, uma mesma história mostrada em ambos sofrerá alterações, pois livros e filmes utilizam ferramentas diferentes para construir uma narrativa. Essas modificações geralmente levam a perdas de informações que podem ser bem exploradas em um livro, mas que se transformam em pontos mortos em um filme, especialmente longas-metragens de grandes orçamentos. A série *Harry Potter* é composta de sete livros que deram origem a oito filmes, em que a estrutura narrativa permanece igual nos dois meios, o que muda são os detalhes que compõem a trama. Os primeiros filmes foram

¹⁸ Bacia de pedra em que é possível depositar pensamentos e lembranças para revê-los e analisá-los.



adaptados com facilidade, mas a partir do quarto livro da série, as histórias começaram a ser mais trabalhadas e os personagens ganharam profundidade, portanto é a partir daí que se tornam necessárias a realização de alterações mais marcantes na série fílmica, com destaque para o protagonista da série, por exemplo.

Harry Potter é um ser humano com qualidades e defeitos, que se depara com um obstáculo, Voldemort, que permite que ele desenvolva seu caráter e suas habilidades a ponto de realizar feitos grandiosos e heroicos. Entretanto, o poder de Harry é mostrado não pela ação direta contra o seu inimigo, mas sim por elementos implícitos que o levam à ação, como o seu caráter e o modo como Harry age em relação aos seus inimigos. Contudo, a força do herói nas versões cinematográficas fica enfraquecida porque a base que define este arquétipo – a sua personalidade – é pouco explorada.

A abordagem do aspecto psicológico e emocional do protagonista é superficial; não são aprofundadas e são mostradas muito rápido. A narração dos livros, apesar de ser em terceira pessoa, é feita de acordo com o ponto de vista de Harry, como se fosse a consciência dele, explorando a fundo os seus pensamentos e emoções, dando profundidade ao personagem. Por causa da duração de cada filme, os realizadores deram preferência à ação em detrimento do desenvolvimento do roteiro, prejudicando a construção dos personagens. Além disso, as qualidades de Harry são ressaltadas sempre que possível, e os defeitos, dificuldades e tudo aquilo que torna o personagem vulnerável foram extremamente abrandados ou excluídos da versão fílmica. Como vimos, segundo VOGLER (2010, p. 56), essa caracterização de Harry como uma pessoa muito bondosa e cujos erros são facilmente perdoados tira a humanidade do personagem, afastando-o do público. O Harry dos filmes não mostra vulnerabilidade, e como não há espaço em cena para desenvolver o aspecto psicológico e emocional do personagem, ele se torna vazio. Apesar de J.K. Rowling não ter escrito *Harry Potter* com um público específico em mente, tantos os livros quanto os filmes sempre foram direcionados para o público infanto-juvenil. Apesar de a narrativa ganhar maturidade com o envelhecimento dos personagens, a série cinematográfica é vendida como um filme ‘para a família’, o que torna possível que a mudança na caracterização de Harry, mostrando-o como uma pessoa mais benevolente, tenha sido feita para vender um filme de herói para o público médio, atingindo principalmente as crianças. De modo algum se argumenta, nesta breve análise, que o livro é melhor que o filme: se a forma fílmica não apresentasse um bom resultado, não teria alcançado um sucesso tão grande. No entanto, se focarmos apenas na abordagem do personagem principal, pode-se constatar que para



um filme nos moldes hollywoodianos, é impossível se apoiar meramente nessa figura do herói, e a conquista da audiência passa a ser centrada em estruturas não-narrativas, mesmo que estas contribuam esteticamente no desenrolar da história.

Portanto, pode-se concluir que a limitação de tempo é um fator determinante para a ocorrência de cortes, talvez mais do que a diferença de linguagens entre literatura e cinema. Em um filme que segue os padrões de Hollywood, a ação é valorizada (FIELD, 2001) e tem preferência, mesmo que afete a construção da história e dos personagens. A dificuldade em transpor elementos de linguagem literária para o cinema, como por exemplo, a narração, somada com a limitação de tempo em tela faz com que seja mais fácil excluir estes elementos do que pensar em alternativas para que eles sejam inseridos à trama.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Marcel Álvaro. **Ver um livro, ler um filme: sobre a tradução/adaptação de obras literárias para o cinema como prática de leitura**. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 23-27/ago/2010. Anais. Cifefil: Rio de Janeiro, 2010, p. 1725-1739
- BALOGH, Ana Maria. **Conjunções, Disjunções, Transmutações – Da Literatura ao Cinema e à TV**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- _____. **O Poder do Mito**. São Paulo: Pensamento, 1990.
- FARIA, Paula Soares. **The Journey of the Villain in the Harry Potter series: An Archetypal Study of Fantasy Villains**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG: Belo Horizonte, 2008.
- FIELD, Syd. **Manual do Roteiro: um guia prático para a escrita cinematográfica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MCCABE, Bob. **Harry Potter: Das páginas para a tela- a jornada completa das filmagens**. Barueri, SP: Panini Books, 2011.
- NATOV, Roni. **Harry Potter and the Extraordinariness of the Extraordinary. In: The Ivory Tower and Harry Potter: Perspectives on a Literary Phenomenon**. Ed. Lana A. Whited. Columbia, Missouri: University of Missouri Press. 2002. P. 125 – 139
- SEGER, Linda. **Como criar personagens inesquecíveis**. Brasil: Bossa Nova, 2006
- VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.